

## BRUTALISMO: CONCEITOS E ANÁLISES DA ESCOLA PAULISTA DA ARQUITETURA MODERNA BRASILEIRA

ANTONIO, Augusto.<sup>1</sup>  
ARMILIATO, Bruno Carlo Padovani.<sup>2</sup>  
CARLI, Leonardo Trentin de.<sup>3</sup>  
GUARESCHI, Gustavo Luiz.<sup>4</sup>  
ANJOS, Marcelo França dos.<sup>5</sup>

### RESUMO

Tendo como tema a Escola Paulista da Arquitetura Moderna Brasileira, divide-se o trabalho entre tópicos com o objetivo de entender e analisar a influência do brutalismo nessa escola. O presente artigo tem como objetivo resgatar os conceitos, ideias, formas e características brutalistas e ainda, apresentar o contexto histórico sobre o estilo arquitetônico, analisando suas influências na arquitetura paulista. Também analisa as obras FAU-USP de Vilanova Artigas e Carlos Cascardi, o SESC Pompéia de Lina Bo Bardi e o MUBE de Paulo Mendes da Rocha, de modo a compreender as características brutalistas empregadas por tais arquitetos. A finalidade deste trabalho é o resgate teórico deste estilo arquitetônico, destacando sua relevância dentro do período da arquitetura moderna brasileira para compreender importância dos conceitos e mudanças de seu período.

**PALAVRAS-CHAVE:** Escola Paulista; Brutalismo; Artigas; Arquitetura Brasileira.

### 1. INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo introduzir a arquitetura brutalista, explicar o seu conceito e analisar qual é sua influência na Escola Paulista a partir do problema: Quais os principais conceitos e características da Escola Paulista Brutalista?

Assim como diz Zein (2014), a arquitetura brutalista, tanto nacional como internacionalmente, caracterizou-se como um dos períodos mais produtivos da modernidade, onde inúmeras obras de qualidade foram criadas, descobrindo diferentes propostas, técnicas e materiais.

Compreender os conceitos e as características desse período da arquitetura, é fundamental para a valorização de renomados arquitetos e para o entendimento de obras marcantes, principalmente o que está inserido na arquitetura moderna brasileira.

<sup>1</sup>Acadêmico do 8º período integral Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário FAG. E-mail: augusto.antonio\_@hotmail.com

<sup>2</sup>Acadêmico do 8º período integral Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário FAG. E-mail: brunoarmiliato@hotmail.com

<sup>3</sup>Acadêmico do 8º período integral Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário FAG. E-mail: leonardotdc@hotmail.com

<sup>4</sup>Acadêmico do 8º período integral Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário FAG. E-mail: gustavo\_guareschi@hotmail.com

<sup>5</sup>Professor mestre do curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário FAG. E-mail: anjos@fag.edu.br

Após introduzir sobre essa arquitetura e explicar o seu conceito, a pesquisa mostra: a importância do período no modernismo brasileiro, considerando a época em que se desenvolveu; a influência de alguns renomados arquitetos brasileiros; a maneira em que foi aplicada na Escola Paulista.

A partir do entendimento do período, analisam-se as obras: FAU-USP de Vilanova Artigas e Carlos Cascaldi; SESC Pompéia de Lina Bo Bardi e MUBE de Paulo Mendes da Rocha, apontando as características citadas do período e características da linguagem pessoal do arquiteto, concluindo a influência não só do período, mas dos arquitetos ligados a esta escola.

## 2. A ORIGEM DO BRUTALISMO

A origem do termo Brutalismo nos leva à Inglaterra durante os primeiros anos da década de 50, através de uma arquitetura que se caracterizou pela expressão de seus materiais, liderada por uma vanguarda criada por Allison e Peter Smithson. Ainda segundo a autora, Reyner Banham, também teve importante papel na difusão do brutalismo, reforçando o conceito do estilo através do livro *The New Brutalism: Ethic or Aesthetic*, publicado em 1966 (SANVITTO, 2013).

A Escola de Hunstanton (Figura 1) foi considerada o primeiro edifício brutalista, inclusive por Peter Smithson, em uma afirmação para a imprensa em 1953: “... o construído é, seguramente, o primeiro expoente do Novo Brutalismo na Inglaterra...” Bem como no IIT de Mies, o tijolo e o aço são deixados à vista, assim como as instalações elétricas e hidráulicas e outros serviços, estão expostos (SANVITTO, 2013).

Figura 1 – Escola de Hunstanton.



Fonte: Architectural Press Archive / RIBA Library Photographs Collection.



Seja qual for o significado considerado para o termo brutalismo, os ingleses passaram a usá-lo aplicado à arquitetura moderna, em suas formas mais puras, observando em obras de renomados arquitetos, como Mies van der Rohe (SANVITTO, 2013).

## 2.1 O CONCEITO DO ESTILO ARQUITETÔNICO BRUTALISTA

O período brutalista da arquitetura, segundo Zein (2005), começou a partir de meados do século 20. Seu conceito, relata Sanvitto (1994), está ligado a panoramas, situações e ideais vivenciados nessa época, como o anseio pelo desenvolvimento através da industrialização, e em contraponto, os princípios socialistas de eliminar o déficit habitacional. Tais princípios, segundo o autor, construíram uma ideologia baseada na verdade e na igualdade dos homens, trazendo simplicidade e sinceridade aos espaços, criando ambientes que “nada haviam a esconder”.

A Arquitetura Brutalista, conforme diz Sanvitto (1994), compartilha dos mesmos conceitos, posturas e sensibilidades da Arquitetura Moderna, no entanto, traz como particularidade uma arquitetura que cria composições formais próprias, usando princípios da razão e geometria.

Sobre esse período, Zein (2005) comenta que o mesmo foi marcado pelo uso de materiais aparentes, especialmente o concreto, com suas texturas deliberadamente marcadas pelas formas, deixando exposto a origem do material, onde as variedades plásticas variavam da composição da aparência desses materiais. Sanvitto (2013) concorda com tais afirmações, e explica que esse estilo arquitetônico classifica os revestimentos em uma categoria de dissimulação, com o objetivo de que se possa distinguir claramente na obra o que é estrutura e o que é vedação.

Construindo uma relação entre brutalismo e ética, Sanvitto (2013) afirma que, nessa arquitetura, o ideal estético está associado à verdade e a simplicidade, tornando a edificação honesta com seus materiais e técnicas construtivas.

Sobre essa honestidade aliada a estética, Zein (2005) interpreta esse estilo arquitetônico como obras de superfícies limpas e virgens, de volumes imponentes e carregados, mas ao mesmo tempo, de simplicidade de formas.

Sanvitto (1994) comenta que é possível observar, nas obras de grandes arquitetos, estratégias que justificam os determinados princípios de razão e geometria, como em algumas obras de Vilanova Artigas e Paulo Mendes da Rocha, onde se identifica o uso da estratégia de prisma elevado, que consiste em desvincular do solo o pavimento principal da edificação (figura 2), e na

produção da cobertura como um grande abrigo, que consiste em projetar uma forma sólida que proteja e abrigue todos os ambientes (figura 3).

Figura 2 – Residência James King, projetada por Paulo Mendes da Rocha.



Fonte: Folha de São Paulo, versão online, 2011. Imagem compõem o livro Residências em São Paulo: 1945-1979, de Marlene Acayaba

Figura 3 – Escola Estadual de Itanhaém, projetada por Vilanova Artigas e Carlos Cascaldi



Fonte: ArchDaily, 2014. Arquivo Fotográfico da Fundação Vilanova Artigas.



O conceito brutalista, salienta Zein (2005), devido à ausência de definições sobre esse termo, não é algo simples de explicar. Entretanto, a autora explica que facilmente identifica-se características brutalistas nas obras, tornando seu conceito algo difícil de explicar por sua abrangência, mas simples de identificar pela mesma razão.

### **2.3 TENDÊNCIA BRUTALISTA NA ARQUITETURA BRASILEIRA**

A tendência brutalista aparece no Brasil a partir do início dos anos de 1950 em obras no Rio de Janeiro e São Paulo. O início do movimento é simultaneamente ao concurso e a construção de Brasília, no entanto só ganha notoriedade e se consolida nos anos de 1960, quando passa a repercutir nacionalmente (Coordenação Prof.Dra.Ruth Verde Zein, FAU-Mackenzie).

Na década de 50, os arquitetos Vilanova Artigas e Carlos Cascaldi, realizaram obras com o uso do concreto aparente. A partir de então, outros arquitetos como Lina Bo Bardi e Carlos Barjas Millan passaram a aderir o partido arquitetônico (Coordenação Prof.Dra.Ruth Verde Zein, FAU-Mackenzie. s.d.).

Sanvitto (2013) ainda ressalta que na Escola Carioca prevaleceram os aspectos estéticos, enquanto que em São Paulo o ponto central era uma ética vinculada às questões político-sociais. A transposição destes ideais à prática profissional foi fundamental para a Escola Paulista, que chegou à maturidade e afirmação na década de 60, vinculada ao Brutalismo como estilo (SANVITTO, 2013).

Segundo Bruand (1997) é possível identificar três momentos da produção de Artigas, nos quais respectivamente se manifestam: a influência de Frank Lloyd Wright; a influência de Le Corbusier e da Escola Carioca, na qual Artigas busca por uma maior racionalidade; e a influência do brutalismo inglês, o qual reinterpreta de forma peculiar.

Desse momento em diante, o Brutalismo paulista tem um crescimento exponencial, à semelhança e paralelamente ao que ocorre nos outros pontos da “conexão brutalista” mundial, transformando-a muito rapidamente em uma espécie de “linguagem vernacular” da arquitetura moderna da década de 1960, até 1970, e ainda mostrando bons reflexos até a entrada da década de 1980 (ZEIN, 2005).

No final do século XX em diante, a arquitetura paulista Brutalista vem sendo revalorizada por sua qualidade e valor artístico de vanguarda, e seu lugar no âmbito da arquitetura moderna, brasileira e internacional. Várias de suas obras já podem ser consideradas como parte importante do



patrimônio moderno, e nessa condição, vem merecendo vários estudos e pesquisas por parte de estudiosos (Coordenação Prof.Dra.Ruth Verde Zein, FAU-Mackenzie, s.d.).

De fato, a Arquitetura Brutalista foi adotada por inúmeros arquitetos por todo o mundo entre 1950 e 1970. Esta Arquitetura produziu uma série de edifícios, muitos deles de inventividade excepcional e alto nível de qualidade artística (FRACALOSSO, 2013).

### 2.3 A INFLUÊNCIA DO BRUTALISMO NA ARQUITETURA PAULISTA

Nos anos 60, a crença socialista era muito ativa na sociedade, assim alavancando ideias que seguiam com a ideologia que vinculava a arquitetura e construção civil a princípios sociais, na década de 60, a junção da arquitetura moderna e o desenvolvimento do Brasil, fez com que o brutalismo na escola paulista tivesse um foco em gerar moradias, e por consequência, diminuir o déficit habitacional, devido à industrialização que o estilo agregava, e assim tendo influências até norte americanas, devido à ideia *do american way of life* (SANVITTO, 2013).

Sanvitto (2013) cita que a origem da influência brutalista em São Paulo vem pela afinidade com o Novo Brutalismo Inglês, quando o estilo chega em São Paulo, acarreta uma ideologia de mundo melhor, assim como é citado pela autora: “...soluções arquitetônicas nas quais nada havia a esconder. Sugeria a vida comunitária decorrente da utilização do espaço único. As segregações não eram bem aceitas, assim como as compartimentações evitadas”.

Sanvitto (2013) diz que Vilanova Artigas foi o difusor do brutalismo no Brasil, pois o autor afirma que a origem está interligada a diferença de ideologia entre Vilanova Artigas e Oscar Niemeyer. Acima do respeito entre os dois grandes arquitetos, a opinião de Artigas que a arquitetura deveria estar diretamente ligada aos seus ideais político-sociais, já Niemeyer não trazia seu pensamento para esse lado de que a militância política se transformava na militância na arquitetura.

Vilanova foi a figura que representava o brutalismo brasileiro, pois sua ideologia arquitetônica estava ligada à preocupação com a habitação popular e à questão social da arquitetura, enquanto os arquitetos cariocas estavam envolvidos com discussões estéticas. Esta foi uma diferença importante entre as duas escolas: a questão ética. Os aspectos formais eram diversos entre Rio de Janeiro e São Paulo, mas acima de tudo a ideologia é que diferia (SANVITTO, 2013). O autor ainda comenta que a transposição desses ideais para prática profissional fez com que a escola paulista amadurecesse, tendo o brutalismo como estilo.



Na década de 60, em São Paulo, foi o período da produção brutalista mais intensa, marcado principalmente por uma ética aplicada às formas arquitetônicas. Os arquitetos que tinham ligação à corrente brutalista se mostravam preocupados com as questões político-sociais e com a ideologia da construção de um Brasil novo. Nesta posição idealista a arquitetura exercia um papel importante: atribuíam-lhe a potencialidade de contribuir intensamente para a solução dos problemas do país. Neste âmbito a casa popular se destacava como uma temática sempre presente, onde se por um lado este tema ocupava as mentes dos arquitetos, por outro o seu exercício prático não se efetivava tão facilmente. A falta de uma política habitacional que conseguisse atender a população de baixa renda era uma característica do nosso país. Esta carência era suprida pelo exercício do projeto na casa burguesa que passou a ser o laboratório de experimentação da casa popular (SANVITTO, 2013).

O brutalismo influenciou características para a arquitetura paulista na década de 1950, até se consolidar “escola” em 1960. Eram elas: a procura por horizontalidade, jogos de volumetria, por diferenças de níveis, tratamento cuidadoso de estrutura de concreto armado aparente. A tecnologia utilizada era a de concreto armado ou protendido, utilizando lajes nervuradas, pilares com desenhos diferenciados e o uso de vãos livres que acabavam em balanços amplos. O conceito projetual era regido pela funcionalidade dos espaços e que tivesse grande flexibilidade para que se pudesse alterar a função/serventia de tal ambiente (ZEIN, 2001).

Essas características podem também ser aspectos encontrados de maneira ampla na arquitetura brasileira de outros estados e de outras escolas arquitetônicas, mas o que diferencia e faz com que seja reconhecido como arquitetura paulista que tem sua influência no brutalismo, é a construtividade da obra e o rompimento da transparência que era tão presente na arquitetura carioca, dando um grande salto para a diferença e a tornar em uma “escola”, devido a todas suas particularidades (ZEIN, 2001).

O Brutalismo Paulista foi criado inicialmente para ser uma “escola”, sendo restrita, mas posteriormente tornou-se um estilo arquitetônico, influenciando a arquitetura de modo geral pelo país todo. Seus princípios arquitetônicos não pretendiam ser apenas de natureza construtiva ou espacial, e sim de maneira conceitual (ZEIN, 2001).

### **3. ANÁLISE DE OBRAS**

#### **3.1 ANÁLISE DA OBRA “FAU-USP”, DE VILANOVA ARTIGAS E CARLOS CASCALDI**



A FAU-USP é de extrema importância no contexto brutalista no Brasil, que Artigas propõe nesta obra, serve posteriormente como influência para propagação e discussão do estilo no país. Então, para composição deste trabalho, torna-se importante mostrar a ligação entre a obra e o estilo brutalista.

Fracalossi (2011) aponta o ano de 1961 como o ano de início do projeto da FAU, pelos arquitetos Vilanova Artigas em conjunto com Carlos Cascaldi. Ainda segundo o autor, neste projeto, Artigas evidencia sua concepção arquitetônica, testando e aprimorando o que já tinha sido experimentado no projeto de dois colégios estaduais paulistas, o de Itanhaém (1960-1961) e de Guarulhos (1961), como o uso do concreto bruto aparente, vidro, linhas simples e originais e principalmente a funcionalidade.

Algumas ideias norteiam o projeto, segundo Perrone (2016), e formam os espaços cuidadosamente projetados, são elas:

- Articulações nas circulações, que tiram a noção tradicional fechada dos corredores, que passam a ser voltados à varandas, espaços abertos e comuns;
- Forma definida pela estrutura;
- Ligação direta entre o interno e externo (faculdade e cidade);
- Continuidade espacial definida pela cobertura única, abrigando espaços e caminhos também na totalidade do terreno;
- Uso de clarabóias na cobertura para entrada de luz natural na edificação;
- Integração visual entre ambientes a partir da introdução de pátios internos.

Podem ser analisados com facilidade, a similaridade entre alguns dos tópicos acima e as características do estilo Brutalista, como por exemplo estrutura aparente que define a forma. A partir de análise da construção, por imagens, interna (Figura 4) e externa (Figura 5), é de fácil ligação ao estilo brutalista, como o volume da construção, que cria uma imponência ao observador, o concreto bruto aparente marcado pelas formas usadas, pilares aparentes que se integram à totalidade da obra, e também pode ser visto a característica geométrica utilizada por Artigas, já citada neste trabalho, onde o pavimento principal é desvinculado do solo.



Figura 4 - Interior FAU-USP.



Fonte: Fotografia por Fernando Stankuns.

Figura 5 - Exterior FAU-USP.



Fonte: Fotografia por OWAR Arquitetos.

### 3.2 ANÁLISE DA OBRA “SESC POMPEIA”, DE LINA BO BARDI

A obra de Lina (Figura 6) eleita pelo jornal inglês *The Guardian*, no início de 2016, como um dos 10 melhores edifícios de concreto do mundo, segundo Baratto (2016), e é um dos grandes exemplos do brutalismo brasileiro até hoje, se fazendo interessante a análise desta obra. Porém, segundo Ferraz (2008), na época de construção e inauguração, aconteceu o contrário, o edifício de

Lina Bo Bardi assustava com sua linguagem industrial, escalas consideradas estranhas, cores e sua desarmonização com a vizinhança.

Figura 6 – Conjunto Sesc Pompeia.



Fonte: Fotografia por Marcus Lanz.

Convidada pelos diretores do Sesc na época, Lina Bo Bardi aceitou a oportunidade de projetar uma das principais unidades do Sesc em São Paulo, o Sesc Pompeia. As obras iniciaram em 1977 e terminaram em 1986. O projeto partiu da revitalização de uma antiga fábrica de tambores da época de 30, a parte do Sesc que ocupa o antigo galpão da fábrica, foi inaugurado em 1982, a parte dos fundos, que abriga o programa esportivo, foi inaugurado mais tarde, em 1986. (GONÇALVES, 2017)

No início das obras, segundo Ferraz (2008), a arquiteta faz uma descoberta que dá um valor especial ao conjunto construído da antiga fábrica de tambores. A estrutura desta foi moldada por um dos pioneiros do concreto armado no início do século XX, François Hennebique. Descoberta que, ainda segundo o autor, tem como consequência o processo de desnudamento dos edifícios, retirando os rebocos e aplicação de jatos de areia nas paredes em busca da essência e originalidade da construção.

Gonçalves (2017) enfatiza a tentativa de Lina Bo Bardi de mostrar, não só no projeto do Sesc Pompeia, mas em todos seus trabalhos, a cultura popular brasileira, a partir de elementos industriais com materiais fortes e duradouros.

O conjunto é composto por 3 prismas de tamanhos diferentes, sendo um deles cilíndrico, porém todos feitos em concreto aparente, criados ao lado dos antigos galpões já existentes. Dois

destes prismas são interligados por passarelas ramificadas de modo diferente em cada pavimento (Figura 7) (FRACALOSSO, 2013).

Figura 7 – Passarelas Sesc Pompeia.



FONTE: Fotografia por Julio Roberto Katinsky

É de fácil análise a identidade brutalista no conjunto do Sesc Pompeia, o concreto aparente, as formas definidas, brutas e de fácil identificação. Além da relação estreita entre a forma e construção, em relação aos materiais e técnicas, utilizada por Lina Bo Bardi não apenas nesta obra.

### 3.3 ANÁLISE DA OBRA “MUBE” DE PAULO MENDES DA ROCHA

Projetado por Paulo Mendes da Rocha, o MUBE (Museu Brasileiro de Escultura) foi inaugurado em 1995 em São Paulo para receber e divulgar manifestações artísticas, principalmente relacionadas à escultura. Além de conter preceitos arquitetônicos brutalistas, a obra levanta questões sobre o que é arquitetura e o que pode ser considerado ambientes internos e externos (FRACALOSSO, 2015).

O arquiteto, cujo projeto foi escolhido por meio de concurso, usou o concreto armado, o qual deixou aparente nas fachadas, para criar uma forma com ótima espacialidade que, segundo Francisco e Peixoto (2010), gera uma nova topografia ao terreno. Ainda segundo os autores, a edificação é marcada por um grande pórtico com 60 metros de vão (Figura 8) que pode ser

entendido como uma escultura. A totalidade da obra e paisagismo pode ser visto como um jardim público.

Figura 8 – Pórtico MUBE.



Fonte: Fotografia por Nelson Kon.

Com uma área de aproximadamente 1400 m<sup>2</sup>, o museu conta com salas de exposições, salas de aula e auditório localizadas, segundo Fracalossi (2015), em blocos com níveis enterrados e semi-enterrados, abaixo do grande pórtico, gerando o conjunto visto na figura 9.

Figura 9 – Conjunto MUBE.



Fonte: Fotografia por Nicolas de Camaret.



Pode-se identificar, a partir da figura 9 o conceito brutalista, retratado no decorrer desta pesquisa, “estampado” no projeto de Paulo Mendes da Rocha, além de suas próprias características arquitetônicas. Segundo Gurgel (2013), o arquiteto tem uma visão poética sobre a forma, visão concretizada neste projeto e facilmente vista a partir do pórtico criado pelo arquiteto.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos estudos sobre o estilo arquitetônico brutalista e a Escola Paulista, podemos constatar a influência desse período nos arquitetos paulistas da época, observando os conceitos empregados e a racionalidade projetual.

Ao concluir esse artigo verificamos que o brutalismo é o nome usado para referenciar uma tendência arquitetônica de meados do século 20. De fato, a Arquitetura brutalista foi adotada por inúmeros arquitetos por todo o mundo entre 1950 e 1970, cujo clichê definia-o como superfícies ásperas de materiais aparentes.

É possível observar, através das análises realizadas, que a Escola Paulista rompeu com o estilo arquitetônico da Escola Carioca, criando uma linguagem própria que vai além da forma de projetar, mas que transcende empregando novas características e valores.

Esta Arquitetura produziu uma série de edifícios, muitos deles de inventividade excepcional e alto nível de qualidade artística, tendo características projetuais únicas, se tornando um estilo de referência que influenciou a arquitetura paulista, tendo como grandes nomes de sua produção, os arquitetos citados neste trabalho, entre outros de grande importância. Tais arquitetos levaram a ideologia de projeto para suprir as necessidades sociais vividas na época, constituindo assim o estilo brutalista, que além de suas fortes características projetuais e construtivas, carregava muitos conceitos e ideais sociais.

#### REFERÊNCIAS

BARATTO, R. **The Guardian elege Sesc Pompeia entre os dez melhores edifícios de concreto do mundo.** ArchDaily Brasil. 2016. Disponível em: <<http://www.archdaily.com.br/br/781153/the-guardian-elege-sesc-pompeia-entre-os-dez-edificios-de-concreto-do-mundo>>. Acesso em: 21 de setembro de 2017.

BRUAND, Y. **Arquitetura contemporânea no Brasil.** São Paulo: Perspectiva, 1997.

COORDENAÇÃO Prof. Dra. Ruth Verde Zein, FAU-Mackenzie. **Brutalismo como tendência**



**arquitetônica internacional.** Disponível em <<http://www.arquiteturabrutalista.com.br/index1port-conceitos>>. Acesso em: 01 de setembro de 2017.

FERRAZ, M. **Numa velha fábrica de tambores. SESC-Pompéia comemora 25 anos.** Vitruvius Brasil. 2008. Disponível em <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/minhacidade/08.093/1897>>. Acesso em: 20 de set. de 2017.

FRACALOSSI, I. **Clássicos da Arquitetura: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP) / João Vilanova Artigas e Carlos Cascaldi.** 2011. ArchDaily Brasil. <http://www.archdaily.com.br/12942/classicos-da-arquitetura-faculdade-de-arquitetura-e-urbanismo-da-universidade-de-sao-paulo-fau-usp-joao-vilanova-artigas-e-carlos-cascaldi> Acesso em: 20 de setembro de 2017.

FRACALOSSI, I. **Clássicos da Arquitetura: Santa Paula Iate Clube / Vilanova Artigas.** ArchDaily Brasil, setembro de 2013. Disponível em: <<http://www.archdaily.com.br/142684/classicos-da-arquitetura-santa-paula-iate-clube-slash-vilanova-artigas>>. Acesso em: 20 de setembro de 2017.

FRACALOSSI, I. **Clássicos da Arquitetura: SESC Pompéia / Lina Bo Bardi.** Archdaily Brasil. 2013. Disponível em <<http://www.archdaily.com.br/153205/classicos-da-arquitetura-sesc-pompeia-slash-lina-bo-bardi>>. Acesso em: 21 de setembro de 2017.

FRANCISCO, R; PEIXOTO, P. **Museu Brasileiro da Escultura – MUBE.** Teoria e Crítica – 13ª Turma Arq. UFU. 2010. Disponível em <<https://teoriacritica13ufu.wordpress.com/2010/12/16/museu-brasileiro-da-escultura-mube/>>. Acesso em: 21 de setembro de 2017.

GONÇALVES, L. **Sesc Pompéia e arquitetura: a história de um dos espaços mais destacados da construção paulista.** Sobreviva em São Paulo. 2017. Disponível em <<https://www.sobrevivaemaopaulo.com.br/2017/05/27/sesc-pompeia-e-arquitetura-historia-de-um-dos-espacos-mais-destacados-da-construcao-paulista/>>. Acesso em: 21 de setembro de 2017.

PERRONE, R. A. C. **Vilanova Artigas e o Edifício da FAU USP: A Formação dos Espaços de Formação.** Vitruvius Brasil. 2016. Disponível em <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/16.191/6004>>. Acesso em: 20 de setembro de 2017.

SANTOS, M.D.G. **Arquitetura moderna brasileira, dos pioneiros a Brasília (1925-1960).** Disponível em: < [http://www.up.edu.br/davinci/3/304\\_arquitetura\\_moderna\\_brasileira.pdf](http://www.up.edu.br/davinci/3/304_arquitetura_moderna_brasileira.pdf) >. Acesso em: 01 de setembro de 2017.

SANVITTO, M.L.A. **Brutalismo Paulista: Uma análise compositiva de residências paulistanas entre 1957 e 1972.** Dissertação de Mestrado. Porto Alegre, maio de 1994.

[SANVITTO, M.L.A. Brutalismo Paulista: uma estética justificada por uma ética? Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2013. Disponível em: < http://www.xdocomobrasil.com.br/download/artigos/conexoes/CON\\_03.pdf >](http://www.xdocomobrasil.com.br/download/artigos/conexoes/CON_03.pdf). Acesso em 01 de setembro de 2017.



SANVITTO, M.L.A. **AD Classics: Museu Brasileiro da Escultura (MUBE) / Paulo Mendes da Rocha**. Archdaily Brasil. 2015. Disponível em <<http://www.archdaily.com.br/br/776774/classicos-da-arquitetura-museu-brasileiro-da-escultura-mube-paulo-mendes-da-rocha>>. Acesso em: 21 de setembro de 2017.

ZEIN, R.V. **A arquitetura da Escola Paulista Brutalista 1953 - 1973**. Tese de Doutorado. São Paulo e Porto Alegre, 2005. Volume 1.

ZEIN, R.V. **Modernidade madura, alternativa, bratalista, plural. O patrimônio e legado dos anos 1955-75**. Revista Vitruvius, abril de 2014. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/14.166/5120>>. Acesso em 20 de setembro de 2017.

ZEIN, R.V. **O lugar da crítica: ensaios oportunos de arquitetura**. Porto Alegre, 2001.